

O LÉXICO E A CULTURA EM CANÇÕES BRASILEIRAS

Drielle Caroline IzaiasJuvino
Secretaria de Educação da Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto

Lúcia Maria de Assunção Barbosa
Universidade Brasília (UnB)

Resumo: Aprender uma língua estrangeira compreende, além do domínio gramatical da língua, conhecimento cultural, haja vista que todas as palavras acarretam, além de seu sentido literal, outras acepções que foram incorporadas paulatinamente através dos hábitos culturais de determinada comunidade. Ao estudo dessa dimensão cultural da palavra, Robert Galisson deu nome de lexicultura e ao “viés cultural” agregado ao léxico, carga cultural compartilhada. Apoiando-nos nestes conceitos, propomos uma análise de três expressões: “carne de peixe”, “feijão com arroz” e “fevereiro” em quatro canções brasileiras, levando em consideração o contexto de ensino-aprendizagem de português como língua estrangeira.

Palavras-chave: música; lexicultura; língua estrangeira; português.

Abstract: Learning a foreign language takes, beyond the domain of grammatical language, cultural knowledge, considering that all the words imply, besides its literal meaning, other meanings were gradually incorporated through the cultural habits of a certain community. The study of this cultural dimension of the word, Robert Galisson given name lexiculture and to the "cultural bias" added to the lexicon, shared cultural load. Relying on these concepts, we propose an analysis of three expressions: "carne de peixe", "feijão com arroz" and "fevereiro" in four Brazilian songs, taking into account the context of teaching and learning of Portuguese as a foreign language.

Keywords: music; lexiculture; foreign language; Portuguese.

Lexicultura e carga cultural compartilhada

De acordo com Pruvost (2003), vários autores já haviam investigado e teorizado sobre a relação existente entre o léxico e a cultura, podemos citar Wilhelm Von Humboldt, Sapir e Whorf, entre outros. Robert Galisson, assim como estes autores, também percebeu e apreendeu essa ligação entre a língua, o léxico e a organização da realidade, mas a partir da perspectiva do ensino de francês como língua estrangeira.

Para Galisson (*apud* PRUVOST, 2003) era importante relacionar a linguística aplicada e a lexicologia porque as informações recolhidas, no contexto do ensino de línguas seriam

úteis aos dicionaristas por permitirem a elaboração de dicionários mais “pedagógicos”¹, ou seja, mais aptos a satisfazer as reais exigências e necessidades dos aprendizes (quem, de fato, irá utilizar esse recurso). Seu processo de pesquisa parte, então, das necessidades dos aprendizes, da observação dos fenômenos sociais para a experiência em sala de aula, seguida da interpretação e da conceitualização/teorização, como se pode observar na Figura 1.

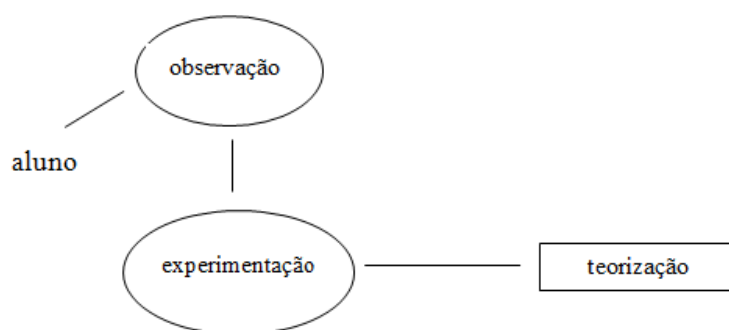


Figura 1 - Esboço do processo de pesquisa mencionado por R. Galisson

Sabe-se que na aprendizagem de uma língua estrangeira é preciso conhecer uma quantidade mínima de palavras e estruturas para se expressar e conduzir um diálogo. Entretanto, o léxico é marcado pela polissemia e, conseqüentemente, pela opacidade, pois alguns sentidos podem não ficar claros para o aprendiz no primeiro momento. Conforme ele vai conhecendo e utilizando a língua, estes sentidos vão sendo adquiridos pouco a pouco. Portanto, embora todas as palavras sejam culturais, algumas são mais polissêmicas, opacas e impregnadas de referências culturais que outras, cujo significado é mais difícil de ser assimilado.

Aos estudos dessas palavras culturalmente marcadas, R. Galisson chamou Lexicultura², mostrando-nos “em particular a singularidade e a diversidade doslugares nos quais a cultura pode se manifestar em uma língua³” (BARBOSA, 2008, p.38). Esse conceito se situa em dupla dimensão: linguística e social. A dimensão linguística ocorre através do

¹Referimo-nos aqui ao termo “pedagógico” para qualificar um dicionário cuja microestrutura (verbetes) esteja mais voltada ao uso do item lexical.

²Lexiculture

³“[...] en particulier la singularité et la diversité des lieux dans lesquels la culture peut se manifester dans une langue”

significante, ou seja, uma “etiqueta” que designa um pensamento abstrato, uma representação mental, um série de atributos cuja compreensão é dada pela definição (GUILLÉN DIAZ, 2003, p.37-38). Sua dimensão social (raramente reconhecida pelos dicionários), por outro lado, está no uso, ou seja, nas suas funções no cotidiano, sendo “extremamente sensível ao contexto social, sendo ela mesma um fato social.”⁴ (GUILLÉN DIAZ, 2003, p.35).

Outro conceito cunhado por Robert Galisson é o de *charge culturelle partagée (CCP)*, que designa a carga cultural subjacente ao léxico. Segundo o autor, a cultura se divide em duas partes: a comportamental e a erudita. A diferença entre a cultura erudita e a cultura do cotidiano é que a primeira se aprende através da cultura social, pode ser ensinada através dos livros e da escola, e a segunda se adquire através das experiências do dia a dia. Por isso, não é necessário a descrição da cultura do cotidiano entre locutores da mesma comunidade, pois para os membros de uma mesma cultura, trata-se de um fator de reconhecimento mútuo.

Desse modo, podemos afirmar que a cultura compartilhada advém da cultura comportamental, pois ela permeia a imensa maioria dos falantes, reclamando a mesma identidade coletiva. A hipótese de trabalho de Galisson é fazer dessa cultura compartilhada (adquirida naturalmente) pelos nativos, objeto de aprendizagem (adquirida artificialmente) pelos estrangeiros. Segundo Galisson (1987), a cultura compartilhada pode se apresentar por meio de:

- a) estereótipos representados por certas locuções cristalizadas;
- b) inanimados culturais (objetos fabricados ou não pelo homem aos quais são creditadas cargas que qualquer falante nativo mobiliza ao entrar em contato – auditivo ou visual – com a palavra que se refere ao objeto);
- c) associação de um lugar a um produto ou vice-versa;
- d) costumes, crenças, superstições e comportamentos evocados pela palavra.

Uma deficiência no ensino de uma língua estrangeira encontra-se na falta da abordagem da dimensão cultural. Santos e Alvarez (2010) apontam a ausência de obras que contemplem ao mesmo tempo aspectos culturais e linguísticos, visando a promoção da integração entre língua e cultura. O que comumente se encontra nos livros didáticos de PLE é

⁴“ socialextremementsensible à l’environnement social, (elle) est elle-mêmeun fait de société”

uma abordagem cultural que favorece os estereótipos ou que concebe a cultura como uma “quinta habilidade”, equivalente à Literatura, Arte, Música, etc. É raro encontrar um material que busque engajar os alunos em atividades que os incentivem a agir discursivamente na cultura do outro, sem uma visão estereotipada. Mendes (2004, p.177 *apud* SANTOS, ALVAREZ, 2010, p.177) afirma que

[...] os materiais didáticos para o ensino de LE/L2, de maneira geral, não incentivam as relações interculturais, uma vez que os conteúdos veiculados quase sempre representam aspectos estanques da cultura da língua-alvo, expostos através de amostras descontextualizadas, que servem apenas para “praticar” os aspectos da língua.

Desse modo, para que o ensino da cultura seja efetivo, é imprescindível que os aspectos culturais abordados sejam contextualizados, de maneira que o aluno possa fazer inferências e empregá-los em determinadas situações comunicativas. Negligenciar a dimensão cultural na aula de língua estrangeira pode levar o aluno passar por situações constrangedoras, pois a falta do referencial cultural pode fazer com que ele cometa equívocos, correndo o risco de fazer uso de uma palavra ou expressão que não condiz com certo contexto social.

Estudos recentes têm considerado que “a língua reflete a identidade nacional pela identidade linguística, na medida em que é um filtro através do qual se vê, se pensa e se exprime” (SANTOS, ALVAREZ, 2010, p.222). Percebe-se, portanto, a importância da dimensão cultural no ensino de uma língua estrangeira. Somente com conhecimento da sintaxe da língua o indivíduo consegue formular orações, mas não está completamente habilitado a “agir” na língua-alvo. Galisson (1989) afirma ainda que, durante muito tempo, sacrificou-se a cultura no ensino de línguas mas, no entanto, “a cultura é como a língua, uma dimensão da competência comunicativa, e é necessário que se encontrem maneiras de trabalhá-las em conjunto”.⁵ (GALISSON, 1989, p.113)

No contexto de ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras, segundo Barbosa (2010), “[...] a inserção de atividades pedagógicas que priorizem palavras com carga cultural compartilhada é de indiscutível pertinência”, uma vez que elas evocam costumes, crenças, comportamentos, tradições e superstições. Desse modo, tais palavras acabam impondo

⁵ “*La culture, étant, comme la langue, une dimension de la compétence communicative, Il est urgent de se donner les moyens de traiter les deux de concert*”.

fronteiras de compreensão àqueles que não compartilham desses mesmos saberes, ou seja, “[...] o grau de conhecimento desses implícitos culturais pode ser determinante para uma inserção (ou exclusão) de um falante de outra língua”. (BARBOSA, 2009, p.39)

Uma maneira de se trabalhar as *palavras com carga cultural compartilhada* nas aulas de língua estrangeira é por meio de letras de canções, sobretudo, no contexto brasileiro. De acordo com Barbosa (2008), a música apresenta-se como um importante veículo cultural no Brasil e por isso é pertinente para o Ensino de Português Língua Estrangeira (EPLE). Como um recurso linguístico e cultural de mediação, a música permite que o aluno aproprie-se não apenas dos conhecimentos linguísticos, mas que tenha também a oportunidade de entrar em contato com a cultura compartilhada por aquela comunidade, naquele determinado contexto.

Corpus e Análise

Neste artigo faremos a análise de trechos de quatro canções brasileiras, a saber: Carne de peçoço (Barão Vermelho), Carne de peçoço (Kid Vinil/Magazine), Eduardo e Mônica (Legião Urbana) e Perfeição (Legião Urbana). Procuramos investigar a questão cultural nas expressões “carne de peçoço”, “feijão com arroz” e “fevereiro” nas canções mencionadas. Analisaremos como elas aparecem nas canções e quais os sentidos que elas evocam.

As canções foram compostas no fim da década de 1980 e início de 1990 e gravadas por grandes grupos musicais brasileiros: Legião Urbana, Barão Vermelho e Magazine. Bastante difundidas entre os jovens, essas canções tiveram repercussão nacional, em um período de mudanças e inconformismo político. Por tal razão, consideramos que sejam válidas enquanto material de português como língua estrangeira e que ofereçam tanto insumo linguístico quanto cultural para uma aula de PLE.

Como no Brasil a música ocupa grande relevância no cotidiano, Barbosa (2008) a considera como um elemento revelador dos aspectos linguísticos e culturais do país. Tanto os implícitos culturais quanto o léxico culturalmente marcado presentes nas canções podem ser considerados como traços de uma memória coletiva, uma “arqueologia de nossas práticas

culturais⁶” (Zarateapud BARBOSA, 2008, p.46), pois ambos se baseiam nas experiências, nos fatos, nos dizeres e na reprodução do conhecimento.

Na letra da música Carne de pescoço, composta por Cazuzu e Frejat, gravada em 1983 no álbum Barão Vermelho 2, observaremos o seguinte excerto:

Baby, você marcou touca
Porque eu sou **carne de pescoço**
Você topou com um louco
Pra se livrar de mim
Vai ser fogo!

No Brasil, a carne de pescoço é considerada a parte menos nobre da galinha, dura e com pouca quantidade de carne. Em decorrência disso, ao longo do tempo a expressão adquiriu outro sentido, que acresce seu sentido literal, um sentido segundo, advindo das práticas sociais, da cultura do cotidiano dos brasileiros. Por isso, quando diz-se que algo ou alguém é carne de pescoço equivale a: chato, complicado, implicante, irreduzível, inflexível, difícil de tratar ou de negociar.

Já na canção de Kid Vinil, gravada em 1986, carne de pescoço apresenta outro sentido:

Tem gente que já nasce com a vida abençoada!
Se perde um Ministério, sempre pinta uma Embaixada!
Os caras do meu time sempre jogam no sufoco,
Em ceia de ano novo, **comemcarne de pescoço!**

Neste caso, a associação é feita com relação à qualidade da carne. Por ser uma carne considerada menos nobre que as outras no Brasil, acabou sendo ligada também àquilo que é de baixa qualidade ou, até mesmo a uma situação desagradável. No trecho em destaque, é possível entender que há margem para a interpretação no sentido literal, mas que somente essa interpretação não é o suficiente. É preciso acessar outras informações, que estão além do sentido do dicionário, ou seja, que trata-se de uma carne considerada de baixa qualidade, difícil de se ingerir. Assim, a falta de acesso à carga cultural que a palavra comporta, construída através da vivência naquela comunidade, acaba interferindo na plena compreensão da canção.

Eduardo e Mônica foi composta no início da década de 80, mas só foi gravada em 1986, no álbum *Dois* do Legião Urbana. Dapieve (2000) afirma ser uma música sem

⁶*archéologie de nos pratiques culturelles*

metáforas e de fácil empatia com os jovens, principalmente por apresentar uma linguagem simples, relacionada com o cotidiano. Nesta canção atentaremos para a expressão “feijão com arroz”:

E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, que nem **feijão com arroz**

A combinação de feijão e arroz é muito comum no Brasil. Segundo a pesquisa realizada por Barbosa e Gomes (2007) em dez cidades brasileiras, 94% dos entrevistados declararam consumir os alimentos com o acompanhamento de algum tipo de carne nas refeições diárias. Separadamente, o consumo de arroz fica acima de 90% em todos os grupos sociais e o feijão só fica um pouco abaixo de 90% entre os segmentos de renda A.

Por serem tão presentes no dia-a-dia dos brasileiros e considerados a combinação perfeita, “feijão com arroz” acabou tendo outros sentidos agregados, além dos encontrados nos dicionários. No dicionário Aulete Digital, encontramos as seguintes acepções para feijão e arroz respectivamente:

- 1 Bot. Feijoeiro: plantação de feijão.
 - 2 Bot. A semente ou a vagem do feijoeiro
 - 3 Cul. Essa semente cozida, temperada com alho, cebola etc. e, às vezes, junto com carnes salgadas e/ou legumes
 - 4 Fig. O alimento, o pão necessário
-
- 1 Bot. Planta da fam. das gramíneas (*Oryza sativa*), originária da Ásia, com numerosas variedades e própria de terrenos alagadiços, largamente us. na alimentação humana
 - 2 Grão dessa planta
 - 3 Cul. Qualquer prato à base de arroz
 - 4 Pop. Dinheiro
 - 5 Gír. Rapaz que acompanha moças (em festas) mas não namora firme qualquer uma delas. [Tb. arroz de festa.]

Além desses significados, há outros dois que foram instituídos culturalmente a partir do cotidiano, dos hábitos culturais do brasileiro. Por ser um prato tão comum, acabou por designar aquilo que é básico, corriqueiro. Já o outro sentido deriva da crença de que o prato é uma combinação perfeita. De fato, um complementa o outro, pois juntos fornecem certos

tipos de aminoácidos que auxiliam a formação de proteínas para o corpo; o que o feijão não tem, o arroz oferece.

Desse modo, na estrofe supracitada podemos afirmar que o sentido que o compositor procura passar é este último, de combinação perfeita. É algo que não precisa ser explicado para um brasileiro, haja vista que o conhecimento da importância do prato, assim como seu papel social já está internalizado e o reconhecimento da expressão é automático.

Na canção Perfeição, de 1993, atentamos para a palavra “fevereiro” destacada na estrofe abaixo:

Vamos comemorar como idiotas
A cada **fevereiro** e feriado
Todos os mortos nas estradas
Os mortos por falta
De hospitais...

De acordo com Dapieve (2000), a canção é um retrato de um Brasil que havia conseguido sobreviver à ditadura a Fernando Collor de Mello e que agora sobrara para o vice-presidente Itamar Franco. Ela tem um tom pungente que denuncia e exige um futuro melhor para o país. Neste contexto, fevereiro não se refere somente ao mês, mas principalmente às comemorações que ocorrem neste mês no Brasil, ou seja, o carnaval. Tal sentido da palavra não é encontrado nos dicionários, ele foi sendo acrescentado, construído paulatinamente no uso da língua. É na época do carnaval que se intensificam as campanhas relativas ao uso de camisinha, doação de sangue, prevenção de AIDS, Hepatite e acidentes, segundo Verissimo e Silva (2011).

Para um brasileiro, a associação do mês ao feriado prolongado em que há aumento do risco de contaminação, violência e acidentes nas estradas é involuntária. O mesmo não ocorre com um falante não nativo, pois ele não partilha a mesma cultura, as mesmas vivências do brasileiro.

Como a carga cultural compartilhada advém do das práticas do cotidiano, raramente a encontramos nos dicionários. Isso a torna ainda mais distante do aprendiz. Neste sentido, a lexicografia faz de seu objeto de estudo um instrumento que permite colocar a cultura-alvo ao alcance do aprendiz de língua estrangeira (BARBOSA, 2008).

Considerações finais

Observamos que as expressões analisadas são culturalmente marcadas, pois há significados adjacentes, que foram incorporados paulatinamente, a partir do uso da língua no dia-a-dia. Esses significados não foram instituídos e não se encontram em dicionários ou manuais porque foram agregados aos poucos, através do cotidiano dos membros da comunidade, segundo seus costumes e crenças.

Por tal razão a abordagem destes conteúdos na sala de aula de língua estrangeira torna-se essencial. Sem a “bagagem” cultural, o acesso do falante não nativo à língua fica limitado. O conhecimento da “cultura invisível” da coletividade de um país pode ser determinante quanto à inserção de um estrangeiro naquela comunidade, uma vez que permite que ele interaja e se integre com os falantes nativos com maior facilidade, que se faça compreender e ser compreendido.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA FILHO, J.C.P.; CUNHA, M.J.C. **Projetos iniciais no ensino de português para falantes de outras línguas**. Campinas: Pontes Editores, 2007.

BARBOSA, L. M. A. Transparência e opacidade do léxico culturalmente marcado, no contexto da aprendizagem de português língua estrangeira. In: REZENDE, L. M.; CAGLIARI, G. M.; BARBOSA, J. B. (org). **O que são língua e linguagem para os linguistas**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007.

_____. **Opacité et transparence lexico-culturelle dans l'apprentissage du portugais langue étrangère au Brésil: les paroles de chansons, instruments de médiation linguistique et culturelle**. Lille: Atelier National de Reproduction de Thèses, 2008.

_____. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. In: **Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 10-11, p. 31-41, 2009.

BARBOSA, L., GOMES, L. G. Arroz com feijão e feijão com arroz: o Brasil no prato dos brasileiros. **Revista Horizontes Antropológicos** UFRGS ano 13, n.28, p.87-116, 2007.

DAPIEVE, A. **Renato Russo: o trovador solitário**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

_____. **BRock: o rock brasileiro dos anos 80**. São Paulo: Editora 34, 2000.

ECHEVERRIA, R. (org.). **Cazuza**: Preciso dizer que te amo: todas as letras do poeta. Rio de Janeiro: Globo, 2001.

GALISSON, R. Accéder à la culture partagée par l'entremise des mots à CCP. **Études de Linguistique Appliquée**, 67, 1987, p. 109-151.

_____. La culture partagée: une monnaie d'échange interculturelle. **Français dans le monde – recherches et applications lexiques**, 1989, p. 113-117.

_____. La pragmatique lexiculturelle pour accéder autrement, à une autre culture, par un autre lexique. **Mélanges Crapel**, n.25, 2000, p. 47-73.

GUILLÉN DÍAS, C. La lexiculture: d'un concept instrumental à un outil d'intervention en didactiques des langues. In LINO, M. T.; PRUVOST, J. **Mots et lexiculture**, Paris: Honoré Champion, 2003, p. 33-50.

PRUVOST, J. Robert Galisson: un pionnier explorateur des mots et de contrées lexicologiques et lexiculturelles. In LINO, M. T.; PRUVOST, J. **Mots et lexiculture**, Paris: Honoré Champion, 2003, p. 11-17.

SANTOS, P., ALVAREZ, M. L. O. **Língua e Cultura no Contexto de Português Língua Estrangeira**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.

SILVA, M. G., VERISSIMO, F. S. Para além da avenida: o carnaval de cruz alta à luz da folkcomunicação. **Cadernos de Comunicação (UFMS)**, v. Nº 14, p. 15, 2011.

Anexo

Carne De Peçoço(Cazuza)

Andava tão calmo
Dava pra desconfiar
Levando a minha vida
Sem me preocupar
Você pintou
Eu tava quieto no meu canto
Curtiu com a minha cara
Foi me provocando
Pensando que eu fosse
Entrar no teu jogo
Brincar de apaixonar
O coração de um bobo
Depois tirar o corpo fora
Pra variar
Achando otário todo o cara
Que quer te amar
Baby, você marcou touca
Porque eu sou carne de pescoço
Você topou com um louco
Pra se livrar de mim
Vai ser fogo!
Vai ser fogo!

Fonte < <http://letras.mus.br/barao-vermelho/119066/> >. Acesso em 24 de ago de 2012.

Carne de Pescoço (Kid Vinil)

Em plena rua aurora,
Meu carro pifou!
Xingando em Italiano,
Fui olhar o motor!
A tampa dava choque,
Uma fumaça danada,
Eu fui pedir auxílio
A uma moça ali parada!
Tem gente que já nasce com a vida abençoada!
Se perde um Ministério, sempre pinta uma Embaixada!
Os caras do meu time sempre jogam no sufoco,
Em ceia de ano novo, comem carne de pescoço!
Que tal um programinha?
Tão singela, perguntou.
Depois, até quem sabe!
Olá, dançou o meu motor!
Eu tenho um amigo,

Dono da borracharia,
É logo ali na esquina,
Fica aberto noite e dia!
Tem gente que já nasce com a vida abençoada!
Se perde um Ministério, sempre pinta uma Embaixada!
Os caras do meu time sempre jogam no sufoco,
Em ceia de ano novo, comem carne de pescoço!
Briguei com a tampa azeda,
Eu com jeito de otário
Tô de frente com o dono
Um criollo tipo armário.
Olhou pro Maverick,
Com ares de entendido,
Depois, para o meu bolso!
Eu saquei que era bandido!
Tem gente que já nasce com a vida abençoada!
Se perde um Ministério, sempre pinta uma Embaixada!
Os caras do meu time sempre jogam no sufoco,
Em ceia de ano novo, comem carne de pescoço!
Sete da matina,
Vive livre do aperto!
Tive de dar o carro
Pra pagar o conserto!
Acompanhava a moça,
Não tão moça à luz do dia!
Me pinta uma barca,
Dormi na delegacia!
Tem gente que já nasce com a vida abençoada!
Se perde um Ministério, sempre pinta uma Embaixada!
Os caras do meu time sempre jogam no sufoco,
Em ceia de ano novo, comem carne de pescoço! (x2)
Fonte <<http://letras.mus.br/kid-vinil/1302249/>>. Acesso em 24 de jul de 2013.

Eduardo e Mônica (Legião Urbana)

Quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?
Eduardo abriu os olhos, mas não quis se levantar
Ficou deitado e viu que horas eram
Enquanto Mônica tomava um conhaque
No outro canto da cidade, como eles disseram

Eduardo e Mônica um dia se encontraram sem querer
E conversaram muito mesmo pra tentar se conhecer
Um carinha do cursinho do Eduardo que disse
"Tem uma festa legal, e a gente quer se divertir"
Festa estranha, com gente esquisita
"Eu não tô legal", não agüento mais birita"
E a Mônica riu, e quis saber um pouco mais
Sobre o boyzinho que tentava impressionar
E o Eduardo, meio tonto, só pensava em ir pra casa
"É quase duas, eu vou me ferrar"
Eduardo e Mônica trocaram telefone
Depois telefonaram e decidiram se encontrar
O Eduardo sugeriu uma lanchonete
Mas a Mônica queria ver o filme do Godard
Se encontraram então no parque da cidade
A Mônica de moto e o Eduardo de "camelo"
O Eduardo achou estranho, e melhor não comentar
Mas a menina tinha tinta no cabelo
Eduardo e Mônica eram nada parecidos
Ela era de Leão e ele tinha dezesseis
Ela fazia Medicina e falava alemão
E ele ainda nas aulinhas de inglês
Ela gostava do Bandeira e do Bauhaus
Van Gogh e dos Mutantes, de Caetano e de Rimbaud
E o Eduardo gostava de novela
E jogava futebol-de-botão com seu avô
Ela falava coisas sobre o Planalto Central
Também magia e meditação
E o Eduardo ainda tava no esquema
Escola, cinema, clube, televisão
E mesmo com tudo diferente, veio mesmo, de repente
Uma vontade de se ver
E os dois se encontravam todo dia
E a vontade crescia, como tinha de ser
Eduardo e Mônica fizeram natação, fotografia
Teatro, artesanato, e foram viajar
A Mônica explicava pro Eduardo
Coisas sobre o céu, a terra, a água e o ar
Ele aprendeu a beber, deixou o cabelo crescer
E decidiu trabalhar (não!)
E ela se formou no mesmo mês
Que ele passou no vestibular

E os dois comemoraram juntos
E também brigaram juntos, muitas vezes depois
E todo mundo diz que ele completa ela
E vice-versa, que nem feijão com arroz
Construíram uma casa há uns dois anos atrás
Mais ou menos quando os gêmeos vieram
Batalharam grana, seguraram legal
A barra mais pesada que tiveram
Eduardo e Mônica voltaram pra Brasília
E a nossa amizade dá saudade no verão
Só que nessas férias, não vão viajar
Porque o filhinho do Eduardo tá de recuperação
E quem um dia irá dizer
Que existe razão
Nas coisas feitas pelo coração?
E quem irá dizer
Que não existe razão?

Fonte <<http://letras.mus.br/legiao-urbana/22497/>>. Acesso em 24 de jul de 2013.

Perfeição (Legião Urbana)

Vamos celebrar
A estupidez humana
A estupidez de todas as nações
O meu país e sua corja
De assassinos
Covardes, estupradores
E ladrões...
Vamos celebrar
A estupidez do povo
Nossa polícia e televisão
Vamos celebrar nosso governo
E nosso estado que não é nação...
Celebrar a juventude sem escolas
As crianças mortas
Celebrar nossa desunião...
Vamos celebrar Eros e Thanatos
Persephone e Hades
Vamos celebrar nossa tristeza
Vamos celebrar nossa vaidade...
Vamos comemorar como idiotas
A cada fevereiro e feriado
Todos os mortos nas estradas

Os mortos por falta
De hospitais...
Vamos celebrar nossa justiça
A ganância e a difamação
Vamos celebrar os preconceitos
O voto dos analfabetos
Comemorar a água podre
E todos os impostos
Queimadas, mentiras
E sequestros...
Nosso castelo
De cartas marcadas
O trabalho escravo
Nosso pequeno universo
Toda a hipocrisia
E toda a afetação
Todo roubo e toda indiferença
Vamos celebrar epidemias
É a festa da torcida campeã...
Vamos celebrar a fome
Não ter a quem ouvir
Não se ter a quem amar
Vamos alimentar o que é maldade
Vamos machucar o coração...
Vamos celebrar nossa bandeira
Nosso passado
De absurdos gloriosos
Tudo que é gratuito e feio
Tudo o que é normal
Vamos cantar juntos
O hino nacional
A lágrima é verdadeira
Vamos celebrar nossa saudade
Comemorar a nossa solidão...
Vamos festejar a inveja
A intolerância
A incompreensão
Vamos festejar a violência
E esquecer a nossa gente
Que trabalhou honestamente
A vida inteira
E agora não tem mais
Direito a nada...

Vamos celebrar a aberração
De toda a nossa falta
De bom senso
Nosso descaso por educação
Vamos celebrar o horror
De tudo isto
Com festa, velório e caixão
Tá tudo morto e enterrado agora
Já que também podemos celebrar
A estupidez de quem cantou
Essa canção...
Venha!
Meu coração está com pressa
Quando a esperança está dispersa
Só a verdade me liberta
Chega de maldade e ilusão
Venha!
O amor tem sempre a porta aberta
E vem chegando a primavera
Nosso futuro recomeça
Venha!
Que o que vem é Perfeição!...

Fonte <<http://letras.mus.br/legiao-urbana/46967/>>. Acesso em 24 de jul de 2013.